

ARI ANTÔNIO DALMOLIN

Gabriel Dalmolin¹

Apresentação

A presente entrevista foi realizada em várias ocasiões, entre os anos de 2016 e 2020, sendo realizada pelo historiador Gabriel Dalmolin, neto do entrevistado. Essas entrevistas começaram a ser gravadas com a finalidade de ser utilizada em sala de aula para discutir o contexto microscópico do município de Rodeio. Entretanto, como homenagem as várias histórias e memórias contadas pelo avô e que haviam sido contadas por seu saudoso “tio João” e que, de certa forma, serviram de inspiração para o pesquisador cursar História, resolveu-se publicá-las nos anais da revista Blumenau em Cadernos. Apesar da relação de afeto e familiar, não podemos deixar de refletir algumas questões teóricas envolta da memória humana, uma vez que



a esta é falha, estando “aberta a dialética da lembrança e do esquecimento”², onde muitos dados podem se apresentar imprecisos, pois com o tempo naturalmente vão se esvaindo e ocasionando nebulosidades nas lembranças acerca do passado. De qualquer forma, esses depoimentos são importantes na árdua tarefa de sistematizar o passado das sociedades de outrora.

Biografia do entrevistado

Ari Antônio Dalmolin, nasceu em Rodeio no dia 27 de outubro de 1944. Filho de Francisco Dalmolin e Florinda Fronza, foi morar com a *nonna*³ materna ainda criança,

¹ Gabriel Dalmolin é graduado em História pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e pós-graduado em Metodologia de Ensino de História. É autor do livro “A Sociedade da Capela: Trabalho, fé e educação no povoado de Rodeio (1883-1904)”, fruto de sua monografia apresentada na FURB em 2018 sob orientação da Prof.^a Dr.^a Cristina Ferreira.

² NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khouny. Pro. História, São Paulo, p.7-28, dez. 1993. p.9.

³ *Nonna* significa em italiano avó, e *nonno* avô. Ainda é costume no município de Rodeio chamar os avós pelo equivalente em italiano.

ajudando seu tio João Fronza na roça. Perdeu o pai ainda moço e casou-se em 24 de junho de 1967 com Lurdes Demarchi, moradora de Ribeirão Liberdade (Benedito Novo). O casal teve cinco filhos: Flávio Francisco, Dionei, Claudemir, Aluísio e Cristiane. Além dos oito netos: Ana Louise, Gabriel, Matheus, Bruno, Daniela, Camili, Amanda e Eduarda. Viveu da agricultura e criação de gado, mas também trabalhou alguns anos na área de artefatos de cimento. Atualmente tem 75 anos e é aposentado, mora com a esposa Lurdes, de 72 anos, e com a família de sua filha caçula na propriedade que fora de seu *nonno* Jacinto Fronza.

Ficha Técnica

Entrevistado: Ari Antônio Dalmolin (A.D.)

Entrevistador: Gabriel Dalmolin (G.D.)

Local: Rodeio, SC – Brasil

Data: 10 de junho de 2020

Páginas: 15

Entrevista

G.D. – Seu Ari, o senhor sempre viveu em Diamante, no município de Rodeio, cidade que possui uma forte ligação com a imigração italiana. O senhor sabe alguma história sobre a época da imigração ou de seus antepassados?

A.D. – A história dos antigos, dos meus avós⁴ que vieram da Itália⁵. Meu *nonno* tinha dez anos, minha *nonna* nove, vieram com a família, a mãe da minha *nonna* era viúva. Quando chegaram, vieram até Itajaí de navio, depois de Itajaí a Blumenau foram de barco e aí pararam em Blumenau. E se destacou, não sei se três ou quatro desses maiores (homens ou rapazes), vieram em busca de procura de terra. Quando saíram da Itália, o padre da região deles lá, deu um conselho para eles: “Vocês vão pro Brasil, e no Brasil vocês vão fazer futuro. Só que pra vocês não se enganarem, vocês tem que olhar uma coisa para ver se a terra é boa: olhem árvores altas com folhas grandes, que aí a terra é boa!”. Daí vieram, quando foram em procura, saíram de Blumenau, vieram pelas estradas de Indaial, Warnow e foram até na Subida (Ibirama). E quando subiram pararam lá no Ilse (Acurra),

⁴ Ao referenciar os avós, menciona sempre Jacinto Fronza e Maria Gadotti.

⁵ Os Fronza partiram de Civezzano (Trento) em 1875, que na época pertencia ao Império Austro-Húngaro. A grande maioria dos Fronza se estabeleceram em Diamante.

tinha uma família de brasileiros/caboclos eles trabalhavam com engenho de farinha, daí por gestos entenderam que eles queriam ver de terras. Não sei se eles se acomodaram aí fazer um lanche ou alguma coisa, depois continuaram a viagem até na Subida. Quando foi no outro dia, voltaram e pararam novamente no caboclo. Daí o brasileiro por gesto pediu se acharam terra, se eles se agradaram. Eles disseram que não. Daí o caboclo disse pra eles pararem no paiol deles que no dia seguinte ele levava onde tinha terra boa. Então pousaram no paiol, de manhã cruzaram o rio com canoa e foram pela tifa do Diamante [Rodeio], passando lá por baixo onde tem a entrada do Merini. E chegando mais pra dentro onde hoje é a Igreja, aí o caboclo pediu novamente se era boa as terras. Então meus antepassados disseram que “sim”, pois viram que tinham árvores altas com folhas grandes.

G.D. – Você conhece alguma história do cotidiano dos seus antepassados já como moradores da localidade de Diamante, em Rodeio?

A.D. – Então, começaram a entrar lá, desmataram e começaram a construir um ranchinho. Daí fizeram o rancho, isso tudo feito de palmito rachado, fincado no chão, faziam as paredes, era coberto com aquelas folhas guaricanas e palmito. E fizeram o ranchinho onde eles iam morar. E arrumaram um pouco de muda de baraço de batata, e uns pezinhos de aipim e de ramas. De noite eles escutavam o tigre⁶, que eles tinham ganho um cachorrinho, que morava no rancho com eles, e o tigre vinha arranhar nas ripas da parede, que queria entrar pra pegar o cachorrinho. Onde que depois, mais tarde, mataram o tigre. Lá onde tem aquele salto, onde começa o morro do Zermiani, lá mataram o tigre. Botaram em cima de um cavalo atravessado, entre a “cola” e tudo, pegava do outro lado até o chão. Diz que mandaram os bigodes do tigre numa carta, pros parentes que ficaram lá na Itália. Dizia eles “considera bem, que esse é o bigode do tigre”. E foi assim, meu *nonno* e minha *nonna* cresceram e vieram morar aqui onde moro hoje. Aqui eles compraram de uma família de caboclos, que viviam só da pesca, compraram só a posse. Depois meu *nonno* requereu uma parte de terra do também do governo, e assim foi se levando a vida. Se acabou os velhinhos, e hoje estamos nós nessa.

G.D. – O senhor sempre viveu em Diamante, certo?! Por que o bairro tem esse nome?

⁶ Os imigrantes não sabiam diferenciar nominalmente o tigre da onça-pintada, chamavam ambos de “la tighera”, no idioma italiano.

A.D. – Como o tio [João Fronza] e os antigos contavam pra ele, foi dos pescadores. Que esses pescadores vinham sentido de Indaial pra cima, eles vinham de canoa, rio acima, e vinham pescando. Quando chegaram aqui, onde hoje se chama Diamante, é onde eles paravam pra pescar e faziam o pouso. E quando foi um dia, eles estavam num ranchinho pousando, e se levantou uma luz forte no rio. Ela foi, foi e desceu na terra. Eles ficaram admirado e passou um tempo e volta e meia eles vinham pescar, então quando iam pescar eles diziam “vamos lá no Diamante”.

G.D. – Você teve um tio chamado Fortunato Fronza que faleceu jovem, ainda na década de 1920, de maneira trágica. Como foi esse ocorrido?

A.D. – Eles tinham cavalos de corrida né. Então, sobrava um tempinho de fim de semana pra passear com os animais, eles iam meio longinho pra “trabalhar” eles, então foi esse meu tio com o meu outro tio que era o Arcelino Weber. Foram pra Ascurra, mas na época a ponte era aqui bem na barra do Rio São Pedro, era uma ponte de madeira, de plancha e bem na cabeceira da ponte fazia a curva. E pra cima depois, tinha uma reta comprida e ele invés de largar o cavalo daqui pra lá contra Ascurra eles foram pra lá e depois ele “largou” o cavalo de lá pra cá, pra dar um exercício no animal. E o cavalo “enqueixô”⁷, era meio duro de boca, e ele “enqueixô” e ele não conseguiu segurar. Chegando na curva da cabeceira da ponte, e o cavalo tinha ferradura, e ele escorregou e caiu no rio, o tio foi junto né. E não se sabe, se foi com a pata do animal ou ele se trancou debaixo de uns galhos. E o cavalo saiu nadando do outro lado, no barranco. Quando chegou o outro tio, só viu o cavalo saindo e ele não aparecia. Então o tio Arcelino saiu à galope até na casa do *nonno* Jacinto, chamar gente. Foram pra lá e veio gente com canoa, aquelas bateira, procurar né. Encontraram ele debaixo daquelas planta de pé-de-silva, mas ele morreu afogado provavelmente. Um homem novo, senão me engano tinha uns 30...33 anos⁸, e os filhos eram todos pequenos. Senão me engano a mais nova⁹ nasceu depois do incidente.

G.D. – Vejo que você possui um arado antigo em seu quintal. Os objetos também tem história, qual é a deste arado?

⁷ Termo usado quando o cavalo empaca ou dispara sem obedecer os comandos básicos da rédea.

⁸ No cemitério consta que nasceu em 1893 e faleceu em 1923, entretanto, no Livro de Óbitos de Rodeio mostra que faleceu em 1926, um dia após seu aniversário de 33 anos. Cf. LIVRO de Óbitos do Curato de Rodeio. Rodeio, n.1, 1895-1962.

⁹ “Pòppa” no dialeto trentino.

A.D. – Esse arado era do meu *nonno*, do Jacinto Fronza. É estrangeiro, veio dos Estados Unidos, ainda aqui no calço existe as letras escritas em inglês, mas agora está enferrujado e não dá pra ler direito. Só foi trocado os punhos, que é de madeira, o disco e a folha que vira o barro, porque gasta né. E o restante é tudo original, como veio de novo, lá dos Estados Unidos. Com certeza, esse arado tem de 115 a 120 anos. Passou na mão do meu *nonno*, depois passou pro filho e hoje tá na mão do neto e está aqui só para exposição no gramado, só pra bonito, para olhar, de recordação.

G.D. – Vocês chegaram a utilizar ele na roça?

A.D. – *Ostia*, trabalhei pouco eu! [ironia]. Eu trabalhei, era um arado leve pra trabalhar, com uma mão a gente levava de cá pra lá. Esses novos, que começaram a fabricar no Brasil era o dobro mais pesado que esse. Depois até no fim, eles fabricava até ali em Ascurra esses arados. Esse daqui, eles chamavam de americano porque ele veio lá dos americanos lá dos Estados Unidos, e americano também ficou chamado os outros, porque era um cópia desse daqui.

G.D. – Que interessante! O senhor falou muito sobre sua família materna, os Fronza. Mas o que sabes sobre sua família paterna? Sobre o imigrante Domenico Dalmolin?

A.D. – Quando deu a enchente de 1911, lá onde eles moravam a água já estava no degrau da escada pra entrar na casa, debaixo do assoalho já. E a família saiu, mas ele não quis sair, o Domenico. Dizia: “eu não saio daqui”. Então ele foi no sótão, com medo não sei se roubassem as coisas dele né. Não saiu. E depois parou a água de subir, ficou naquele nível ali e foi abaixando, mas ele não saiu da casa. O tio João [Fronza] sempre contava também que ele mandou fazer uma barrica uma vez, pra pôr cachaça e não sei se era madeira verde que solta uma tinta quando bota água depois. E o tio João e meu *nonno*, eles tinham alambique e faziam pra eles e pros outros também. Quando eles tinham cana, traziam pra fazer melado, *muss* ou cachaça mesmo. Então o Domenico trouxe a barrica, só deu uma lavada e botaram a cachaça. Quando estava pronto deu uma barrica dessas de 200 litros cheia, levou pra casa e quando foi experimentar a cachaça parecia veneno! Estava vermelha, não tinha quem tomava, pegou o gosto da madeira né. Daí não sei se foi meu *nonno* ou o tio João, que disse “traz de volta que eu vou tentar passar de novo no alambique, ver se ela melhora”. Então o Domenico trouxe de volta, o tio passou de novo no alambique, ferveram de novo, ela saiu banquinha, só que ficou forte. Daí eles pegaram aquela cachaça fraca e misturaram, se não ficava álcool puro. Então ficou uma cachaça

boa. Acho que o Domenico foi um dos que foram pro Uruguai trabalhar, fazer estrada, ficavam um ano lá. Eles chamavam ele de “Mêno”, e o filho dele que era o tio João Dalmolin, eles diziam que era o “*Djoanni del Mêno*”¹⁰, invés de dizer Dalmolin, dizia “do Mêno”.

G.D. – Ainda com relação ao Diamante, seu tio João Fronza – que tinha uma grande memória e viveu até os 93 anos – contava mais alguma história engraçada para vocês quando pequenos?

A.D. – Tem uma história da Revolução, da época do Vargas. E eles vinham, trazendo tudo que era homens e animais de montaria, para meio de transporte. Quando chegou numa altura deu a notícia que a Revolução tinha terminado. E aí tinha uma venda dos Gadotti aqui no Diamante, e então através da rádio, talvez ou telegrama não sei o que foi, souberam que tinha terminado a Revolução. E lá tinha um senhor, muito brincalhão assim, e ele estava à cavalo. Então enfeitaram o cavalo desse senhor, com fitas, deram uma bandeira pra ele, botaram um chapéu na cabeça e mandaram ele lá na tifa do Diamante. Ele gritava “eu vou na frente e a força vem atrás!”. Numa altura tinha um tal de João dos Passos, que estava roçando na beira da estrada, quando ele viu aquilo de longe, ele se jogou no valo dentro do capim. Outro homem, quando viu de longe os gritos, cortou cinco fios de arame com a foice pro gado ir pro mato, com medo que eles roubavam os animais. E a mãe desse senhor que estava vindo a cavalo morava lá no Diamante, era a Velha Prada. Então ela disse pros guri “se eles vierem aqui diz que nós somos do Vargas” e ela foi se esconder e deixou só os guri, mas ela ficou espiando. E ele passou reto com o cavalo, foi até lá nos fundos onde existia a atafona lá dos Tessarollo. E tinha um senhor que quando escutou que ele vinha, meteu a cabeça dentro do fogão, aqueles fogão de arco onde eles guardavam lenham e essas coisas, ele meteu a cabeça lá debaixo e ficou só com a bunda de fora. Daquilo e foi um eito pra frente e quando ele voltou ele veio a galope e subiu na casa da mãe dele, daí a mãe dele ficou espiando... Quando ele chegou perto e ela conheceu, ela disse em italiano “*Ah te sei ti bruta bestia?!*”¹¹, e era o filho dela né. Foi isso que meu tio sempre contava (risos).

¹⁰ Era uma forma de diferenciar ele do João Fronza, que mais tarde se tornaria parente, pois sua irmã caçula Florinda Fronza casaria com Francisco Dalmolin, sobrinho de João Dalmolin e neto de Domenico.

¹¹ Tradução nossa: “Ah, é você coisa feia?!”.

G.D. – Certo! Então, como era o dia-a-dia assim na região na época da “língua proibida” durante a Era Vargas?

A.D. – Era tudo o pessoal da delegacia, dizia que era delegado, mas delegado não era nada, era intendente acho. Eles ficavam de olho se alguém estava falando em alemão, ou como nós aqui, em italiano, eles iam e prendiam. Ia preso! Tinha gente que na época eles iam na missa, como o meu tio sempre falava, eles iam cedo na missa do galo, pra não falar com ninguém. Eles entravam na Igreja, quando o padre não fazia a hora de dar a bênção pra terminar, eles saíam na frente e se mandavam pra casa, pra não falar com ninguém. Porque eles não sabiam falar em brasileiro, então eles tinham que ficar mudos né. Um desses era o José Moser, que antigamente não sabia falar em brasileiro, então ele ia na missa e se mandava na frente quando acabava a missa, pra não falar com ninguém. E outros, como o Joaquim Zonta, na época ele morava em Ascurra, ele foi com uma cesta de abacate e chegou num comércio e ele falou algo em italiano, e o intendente o prendeu. Teve gente que prenderam e judiaram, pros alemães chegaram a dar óleo diesel para eles tomarem. Aqueles que pegavam falando em alemão, até óleo diesel eles davam.

G.D. – E depois do período ali da Era Vargas, o pessoal voltou a falar alemão e italiano normalmente ou tinha um certo receio de falar?

A.D. – É, depois que liberaram a língua aqueles mais novos que estavam vindo desaprenderam de falar, porque eles não ensinavam, tinham medo. Depois com o tempo eles foram aprendendo. Assim na época que era proibido, ninguém falava. Então os filhos que nasceram naquela época não aprenderam, nem o italiano, nem o alemão.

G.D. – E o que o senhor lembra sobre a questão da rivalidade partidária entre os três partidos fortes (PTB, PSD e UDN) da época?

A.D. – Na época eles eram muito fanáticos por partido. Tinha aqueles, principalmente da UDN e do PSD, eles chegavam até a brigar por causa de partido. E na família, podia tá em dez, todo mundo tinha que votar onde votava o “velho”¹². Não existia isso de você vota ali, você vota lá, era aonde o pai, o chefe mandava e todo mundo votava e assim acontecia.

¹² Patriarca.

G.D. – Você lembra sobre um tal de Sr. Tambosi que foi assassinado por conta desses conflitos em Rodeio?

A.D. – Ouvi falar muitas vezes. Foi o seguinte, mais ou menos como eu soube. Na época tinham os comícios, eles faziam antes das eleições. Então veio o Nereu Ramos, na época candidato ao governo do estado. Ele esteve ali em Ascurra, lá eles fizeram o comício e tinha alguns de Rodeio que eram do contra. E quando eles falavam, eles rebatiam com outras palavras, chamavam ele de maçônico, que era bandido. E o candidato e a comitiva marcaram os caras que contrariavam. Então não sei se foi no dia seguinte ou no outro, eles tiveram em Rodeio fazendo o comício, então eles estavam discursando e aí também, começaram a falar e criticar e justamente aquele que menos criticou e falava aí, foi aquele que foi assassinado. Que tinha outros que rebatiam mais o que eles estavam falando e com certeza eles vieram prevenidos, tiraram um da penitenciária, que sacou uma arma, correu atrás e matou esse Tambosi. Um homem novo na época. Daí sacaram a comitiva e foram embora. O tio João estava lá. E por causa disso a política de antigamente era mais agressiva, eles brigavam pra matar mesmo.

G.D. – Então como foi na sua juventude como eleitor, havia apostas em candidatos ou algo do tipo?

A.D. – É, naquela época, eu nem eleitor era ainda. Mas tinha o meu irmão mais velho, que já votava. Então nós saíamos ali no bar e sempre tinham os do contra, que provocavam. Inclusive o dono do bar era muito fanático do PSD e então ele provocou que queria “jogar”. Daí eu e meu irmão fizemos uma proposta. Então fizemos o seguinte, “vamos jogar nos três candidatos, pra prefeito, governador e presidente”. Pra prefeito pela UDN era o Germano Tambosi, pro governo era o Irineu Bornhausen e pra presidente era o Jânio Quadros. Então o outro topou. Fizemos a aposta, não lembro hoje no valor. Fizemos a aposta em três candidatos. Aí veio as eleições, inclusive um primo que também era do contra também quis jogar e nós não queríamos pegar o dinheiro dele, tomar o dinheiro dele. Mas tinham outros que queriam jogar e pegar o dinheiro dele, então nós resolvemos jogar entre nós. E resolvemos apostar. Daí veio as eleições e o resultado foi: ganhamos pra prefeito, perdemos pra governador e ganhamos pra presidente. Então levamos uma vantagem. No dia seguinte fui devolver o dinheiro pro meu primo, que eu tinha feito a aposta com ele, porque eu tive dó, porque ele era pobre também. E eu fiquei com pena, porque queriam tirar o dinheiro dele, aí eu devolvi o dinheiro pra ele. E outro,

que era dono do bar, se cuspiu todo, ele ficou bravo (risos). De um lado era até divertido, a gente jogava também em corrida de cavalo, fazendo apostas né.

G.D. – E o senhor sabe alguma história sobre corrida eleitoral aqui em Rodeio?

A.D. – É na época que foi candidato o Germano Tambosi, ele foi candidato pela UDN e o adversário era o Celso Berri, que era do PSD. Então, quando eles faziam os comícios, os do Celso Berri vinham com os caminhões carregados, lotados de gente. Mas essa gente ele trazia lá de Timbó, que trabalhavam nas firmas dele. E iam nos comícios pra aparecer, pra dar volume. Então meu falecido pai [Francisco Dalmolin] era do partido da UDN também e favorecia esse Germano Tambosi, eles se davam muito bem, pediu um dia pro Germano como que estava a campanha política, que os adversários estão dizendo que vão fazer um rombo. O Germano respondeu: “Olha Dalmolin, lá de Bonsucesso até no Kaspereit eu venho atrás, do Kaspereit pra cá [Diamante] eu dou uma passada”. Daí uns dias houve a eleição, e foi o que aconteceu! Porque na época Benedito Novo e Doutor Pedrinho pertenciam ao município de Rodeio. E até o Kaspereit, vinha ganhando o Celso Berri, depois do Rodeio 12 pra cá, só dava o Tambosi nas urnas. E deu uma diferença grande de votos, inclusive. Então, eles diziam na campanha que era “o milhão, contra o tostão”, porque o Celso Berri era rico e o outro era um coitado, um colono. Então era o milhão contra o tostão.

G.D. – Tem mais algum “balote”¹³ de algum prefeito de Rodeio?

A.D. – Hum. Dizem que na época do prefeito Heitor Beninca. Na ocasião veio um governador, que era o Ivo Silveira. Aí teve o comício em Rodeio, pra governador. Então o governador prometeu que ele ia dar o asfalto aqui da BR-470 até nas Irmãs Catequistas. Prometeu o asfalto! Daí o que que aconteceu? Invés de fazer o asfalto, o prefeito quis colocar paralelepípedo, porque o “asfalto é muito liso”¹⁴. E o camarada nem de carro andava, porque ele tinha problema, não podia dirigir, então ele ia de bicicleta na Prefeitura e por tudo. E deixou de pegar o asfalto pra botar o paralelepípedo (risos).

G.D. – O que o senhor lembra dos presidentes da época da Experiência Democrática?¹⁵

¹³ História jocosa, que não necessariamente é verdade.

¹⁴ Com o sotaque italiano soava como “*muito lijo*”.

¹⁵ Período entre 1945 e 1964.

A.D. – É, o que eu me lembro justamente é da época do Juscelino. O Juscelino Kubitschek, foi aquele que fez Brasília. Mudou a capital do Rio de Janeiro pra Brasília. E na época do Juscelino, pro povo, estava boa a coisa, se vendia de tudo, tinha preço, tanto o pessoal da agricultura, os colonos. Tinha preço a mercadoria. A parte da madeira. Os catarinenses fizeram, esses grandes industriais, eles puxavam tudo pra Brasília. Que estavam fazendo a cidade e ia de tudo pra lá, porque não tinha nada lá né. Era tudo de fora, o cimento, o material, a madeira. Foi uma época em que o povo fez dinheiro. Depois, do Jânio Quadros que eu me lembro, a primeira coisa que ele entrou ele queria era acabar com o esporte. Ele tinha a vassoura já, ele queria fazer uma limpa. Então ele queria acabar com o esporte, por exemplo, o futebol só aos domingos, corrida de cavalo, outros esportes na época tinha briga de galo e assim por diante, queria acabar com tudo. Foi onde ele se deu mal, por exemplo nessas cidades grandes vão tirar o futebol e as corridas de cavalo que nos prados, onde mexe com os grandes né, que são gente rica. Então ele se deu mal, não conseguiu fazer isso. No mais assim, não me lembro assim do governo dele, acho que foi mais ou menos razoável. Na época também a gente não tinha muita comunicação que nem hoje. Faz agora, já tá sabendo no mesmo instante o que tá acontecendo. Do Jango, o que eu me lembro da época que deu a “Revolução”, que tiveram de fugir ele e o cunhado que era o Leonel Brizola. Ficaram uns tempos fora do país.

G.D. – Então, como eram as carreiras de corrida de cavalo e as rinhas de galo que haviam em Diamante (Rodeio)?

A.D. – As carreiras de cavalo, tinha a raia né, aqui no Diamante onde morava o Avelino Filippi. Antigamente mesmo, quase todo fim de semana tinha essas carreiras. Eles disputavam, jogavam, apostas né. Às vezes era só desafio, que era dois. Depois alargaram a raia, pra correr até quatro. E daí tinha então arremates nas apostas, onde jogavam no favorito, outro jogava no azarão. Então a gente passava os fins de semana nesses esportes como corrida de cavalo. Mais tarde abriram as rinhas de galo, aqui no Gídio Fronza. Quando não tinha por aqui nós íamos pra fora, fomos até Florianópolis, Jaraguá, Joinville, Gaspar, Brusque, Blumenau, Rio do Sul, Itajaí. Na época era um esporte, e hoje mudou tudo! Não existe mais corrida de cavalo, não existe mais briga de galo. Nós tínhamos campo de futebol também no Diamante, na época que eu era solteiro e depois de casado ainda joguei futebol, nós tínhamos o nosso time que era o Bangu¹⁶, jogávamos com uma

¹⁶ Referência ao Bangu Atlético Clube, time do Rio de Janeiro bicampeão carioca (1933 e 1966), campeão do Torneio Início do Rio-São Paulo em 1951 e vice-campeão brasileiro em 1985.

camisa branca. Tinham torneios, tanto aqui como nos torneios dos outros times de fora, como Indaial, Apiúna, Rio dos Cedros, Timbó, essa região aqui por perto. Naquele tempo nós não íamos de ônibus, ia de caminhão, tudo de pau de arara! (risos). Era divertido e hoje tudo se acabou isso na nossa região, não tem mais um time de futebol, tem um campo ou dois tudo parado, tanto no Glória como no Cometa. Tudo parado, porque não jogam. A mocidade não gosta mais, parece.

G.D. – Com relação a isso, no Rodeio 50 tinha o time do Torino e em Rodeio 32 o Cometa, esses dois times tinham grande rivalidade. Sabes algo sobre isso?

A.D. – É, nós jogamos contra eles, tanto com o Cometa lá quanto aqui no Torino. Eles não se bicavam muito não. Depois tinha mais time pra cá. Lá no Gávea (São Marcos), depois no Centro tinha o Antares, os Marianos, mudaram várias vezes de nome. E tinha o Glória também.

G.D. – Como foi no tempo dos militares, quando começaram a abrir a BR-470 na região?

A.D. – Na época, começaram lá em Navegantes e vieram subindo sentido Rio do Sul. Na época, em 1965 eu me lembro bem porque faleceu meu pai, no dia 24 de julho. E estavam fazendo a terraplanagem pra rodovia. Ainda tinha desvio pra fazer aqui no morro, tinha que desviar por causa da rocha pra detonar. Então fizeram um desvio. Mas foi rápido pra eles abrirem. A empresa que estava trabalhando aí na rodovia na época era a Triângulo Mineiro, uma firma bem forte, com maquinários tudo. O cara chegava a noite, tinha dois turnos, um de dia e um de noite. De manhã quando clareava o dia, quando levantava tu até se admirava com o que eles faziam. Davam um rombo naqueles morros e aterros que eles faziam. As pontes também foram ligeiros pra fazer, essa aqui no Rio São Pedro em Rodeio e aquela do Ribeirão São Paulo em Ascurra, e a outra que cruza o rio Itajaí já estava feita, da época dos governos, acho que foi do Bornhausen, era uma ponte mais antiga. E comparando na época quando abriram, hoje pra fazer a duplicação que já tão fazendo uns anos, parece que comprar com o maquinário daquele tempo, parece que um tatu faz mais rápido.

G.D. – A casa de vocês ficava onde hoje é a rodovia, como ficou essa questão?

A.D. – É foi, pegou bem no centro da casa, era uma casa antiga, mas toda de material. Era uma casa grande. E pegou bem no meio da casa e os galpões também. Aí desmancharam tudo e a empresa contratada indenizou a casa. Pagaram um valor “x” em dinheiro e daí foi feito outra. O poço, na casa antiga tinha 12m, uma água cristalina que

parecia água mineral, daí eles tinham que dar o poço perto de casa como a gente tinha. Daí onde foi feito o chão aí, começou do metro pra baixo aquele material duro, macadame misturado com pedra. Quanto mais profundo mais duro. Dos sete metros pra baixo tinha que detonar. Então eles colocavam dinamite e detonavam aos poucos. O senhor que trabalhava com os poços era um negro de 75 anos ou mais, ele fez 12 metros de fundura o poço que nem a outra, também dava uma água muito boa.

G.D. – E como foi ter vivido grande parte da sua vida com seus tios da família materna?

A.D. – Eu tinha duas tias e um tio, todos três solteirões¹⁷. E tinha a *nonna* que estava doente, então eu vim pra ajudar mais o tio né. Então fui crescendo, na época eu queria sair pra me virar, fazer um pé de meia né, que a gente já estava pensando em arrastar asa (risos). Mas os tios não deixaram. Disseram “fica aqui com nós, que vamos dar pra ti o terreno e tudo”. E ao mesmo tempo, eu considerava o tio que nem um pai, e as tias como se fossem mãe. Depois a *nonna* já tinha falecido, ela veio da Itália, morreu também aos 90 anos. Aí eu assumi como se fosse um pai os tios, fiquei a vida toda deles. Com certeza, casei e minha esposa, a Lurdes, dedicou cuidar deles também, até o fim da vida. Foi onde que a gente herdou o que era do tio, só que não foi fácil. Foi ganho, mas com sacrifício. Porque, assumir três idosos doentes só pra quem passou, sabe o que é.

G.D. – Na sua juventude havia um cinema muito famoso em Rodeio, o Cine Rex. O senhor chegou a conhecê-lo?

A.D. – Sim, eu cheguei a conhecer e assistir filme quando eu tinha 12 anos, eu estava no Seminário dos padres franciscanos. Lá então no fim de semana, domingo de tarde tinha tipo matinê, eles passavam filme né. Então a gente assistia aqueles filmes, faroestes e coisas assim. Ficávamos todos animados. Era bonito né, porque era uma tela grande e aparecia bem. Depois, quando eu era maior, era um rapaz nós íamos no cinema também, geralmente de domingo à noite, às vezes no sábado também. Ah, enchia sempre o salão do Cristo Rei. O pessoal não tinha outras coisas pra fazer, eles iam no cinema. Primeiro iam na missa, depois iam pro cinema! Acho que ainda existe aquela máquina pra fazer a filmagem, onde passava a fita, lá no Museu.

¹⁷ Era a tia Emília (1894-1977), a tia Rosa (1897-1987) e o tio João (1906-1999), todos solteiros e que viveram até perto da casa dos 90 anos.

G.D. – Tinha uma dupla bastante conhecida na época, que era o Yaneck e Franeck¹⁸. O senhor lembra alguma coisa deles?

A.D. – Sim, lembro. Inclusive quando nós casamos, foi feito um jantar na churrascaria do Domingos Pisetta com os convidados né. E onde tinha uma festinha eles apareciam, mas ficavam lá num cantinho, só de olho. Depois quando todo mundo terminou de jantar, e eles de olho na mesa. Aí eu chamei o dono da churrascaria e eu disse “olha sirva os dois, deixa eles comerem e beberem à vontade”. Eles saíram da mesa que eles até gemiam. Eles eram bem pobrezinhos, dinheiro pra comer assim fora eles não tinham. Eles eram bem dizer órfãos, de pai e mãe, não sei se já de pequeno e viviam assim na casa dos conhecidos. Um dia o Yaneck foi plantar batata, na estrada que vai pro Pico, aí veio um senhor e viu que invés de plantar com o broto pra cima ele botava o broto pra terra. Daí o homem falou pra ele “olha Yaneck, vira o broto pra cima, não pra baixo”. Daí ele respondeu: “ôh, de noite elas se viram” (risos).

G.D. – Você disse que estudou no Seminário dos padres franciscanos. Como foi sua vivência escolar?

A.D. – Eu fui no Seminário de Rodeio estudar interno, o prédio ficava bem em frente à Igreja Matriz. Existia desde o tempo do tio João que eles iam na aula, naquele tempo era em língua italiana ainda. Depois aumentaram, tinha três andares. Na minha época tinha na base de 90 a 100 alunos internos. Eu fiquei dois anos lá no Seminário. Comecei com o padre-diretor Frei Jerônimo, depois ele saiu e ficou o Frei Cância Berri, esse era severo! Brabo! Era um tempo bom, tempo de criança, tinha a hora de estudar, de rezar, brincar, jogar futebol, quando chovia jogava pingue-pongue, tudo que era tipo de jogo tinha. Xadrez, dominó... Nós íamos tomar banho lá no Salto, naquela época da ponte pra cima só tinha uma picadinha pra chegar no Salto, não era uma estrada. Vinha o Frei Pedro junto, era baixinho, gordo, mas nadava como um peixe. Depois de Rodeio eles saíam pra estudar em Rio Negro (PR) acho, depois iam pra Petrópolis (RJ) e Agudos (SP). Mais tarde voltavam no Noviciado pra fazer aqui em Rodeio. Só que eu fiquei só dois anos, tinha alunos de tudo que é município aqui.

G.D. – Tinha muita disciplina no Seminário?

¹⁸ Eram de origem polonesa, vulgus “polacos”, e seus nomes significavam João e Francisco, respectivamente. Os dois irmãos eram bastante conhecidos por sempre irem ao cinema e contarem pra todos o enredo do filme ou dos seriados, dando aquele indigesto “*spoiler*” do que acontecia no final.

A.D. – Ah, disciplina era que nem no exército. Era severa. Não podia, onde era lugar de silêncio, no dormitório ou na sala de aula não podia falar, só se eles chamassem. Ganhava castigo, às vezes quem era castigado tinha que comer de pé numa mesa bem no meio do refeitório, sem banco e sem cadeira. Comia lá de pé. Mas às vezes também o padre era muito rigoroso, o Frei Câncio Berri, às vezes por pouca coisa ele dava castigo que a criança nem merecia isso. Numa ocasião, nós estávamos subindo pro lado do cemitério que saía lá no Pico, que aqueles do Pico quando vinham na missa eles desciam por aí, porque não existia essa estrada que tem hoje, eles desciam por essa picada. Então um dia o Frei Câncio chamou a gente pra ir pro Pico buscar tangerina. Fomos lá onde morava o João Ochner, tinha uns pés carregados lá. Enchemos alguns sacos. No ir pra cima, o padre parou numa baixadinha pra frente do cemitério, e parou todo mundo. Aí chamou um dos alunos, um guri chamado José Prade, então ele disse: “escuta, é verdade que tu falou no refeitório que o chuchu era comida pra porco?”. O menino respondeu: “não, eu falei que lá em casa nós tratamos os porcos com chuchu”. Mas o padre insistiu achando que ele disse que era comida pra porco, e ele mandou o menino embora. No outro dia mandaram buscar ele de volta pra casa, ele morava aqui no Diamante.

G.D. – Quais matérias tinham e quais você gostava mais?

A.D. – Nenhuma! (risos). O estudo naquela época, comparando com o estudo do primário que tinha no Diamante, parecia que lá [no Seminário] estava fazendo Advocacia. Tinha de tudo, Religião que era forte, tinha Ciências, História, Geografia, de tudo né. Tinha dois professores na época, o Frei Pedro e o Frei Gabriel, enquanto o Frei Câncio dava Religião, cada um dava suas matérias. Religião, Ciências, Matemática e tudo mais. O Frei Gabriel era paulista, um padre bacana, cem por cento. Frei Pedro dava aula de canto também.

G.D. – Quais peripécias vocês faziam no Seminário?

A.D. – Lá no Seminário a gente ouvia muito na rádio, os times, principalmente do Rio de Janeiro. Eu torcia pro Flamengo. Nós jogávamos, disputávamos às vezes no pingue-pongue, como se fosse o Vasco, o Flamengo e outros times, nós disputávamos pra ver quem vencia. Pior que a torcida dos “do contra” vinham perto, vinham pra atrapalhar ainda! Teve uma vez que eu fiz sinal pra um cara me jogar a bolinha do pingue-pongue bem na beirada né, e o outro estava bem na beirada das costas. Eu vim com a raquete e dei nas costas dele. Fiquei só com o cabo da raquete na mão. Pior que eu tive que me apresentar depois, pro padre Frei Câncio. Ele me deixou duas semanas sem jogar e pagar

a raquete, ele marcou lá na conta! Eu fiz de propósito, mas também não pensava que ia quebrar. E eu fiquei só com o cabo (risos).

G.D. – O Senhor foi patrão-geral do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) “Lenço Colorado” em Rodeio. Como surgiu a ideia de cultivar a cultura gaúcha na cidade?

A.D. – A cultura gaúcha na cidade de Rodeio quem trouxe foi o Dr. Flávio Betti da Cruz, que era gaúcho, natural de Soledade se não me engano. Ele e mais um peão que veio de lá pra cuidar das terras dele aqui, que era o seu Miguel da Rosa, que era muito laçador. Então com o tempo veio a ideia de formar um CTG e fizeram uma equipe. Mas na época eu não estava junto, meus filhos eram pequenos e eu não estava nesse esporte. Aí eles pararam um tempo e nós começamos, e formamos o *Lenço Colorado*, e o primeiro era o *Rodeio da Amizade*. Aí ficou dois, mas só o *Lenço Colorado* que estava indo, só o seu Miguel que acompanhava nós. E a gente ia nos eventos dos outros municípios, onde eles faziam rodeios. Tinha as provas todas, de laço e gineteadas. E depois, quando cresceram os filhos, o Dionei, o Flávio, o Claudemir e o Aluísio aí eles começaram a laçar também. Nós tínhamos outros companheiros, tinha o Carlinhos Rosá, o Nei Venturi, o seu Miguel com os filhos. E tocamos uns par de anos. Fizemos festa aqui em Rodeio, botamos 4 mil pessoas no baile, foi o primeiro baile dos Serranos na região, só tinham vindo pra Blumenau até então. Não botamos mais porque não cabia, teve gente que ficou de fora. O último rodeio feito aqui [em 1997] houve uma tragédia, um caminhão boiadeiro que ia encostar pra descarregar os bois no brete, ele vinha de ré, e vinha duas pessoas e mais um piá andando e o caminhão vinha de ré, o motorista não viu, derrubou o piá e ele ficou debaixo do rodado do caminhão. Morreu na hora! Aquilo foi uma tragédia onde todo mundo ficou sentido, e nós fomos obrigados a continuar o rodeio. Uns até foram embora, que eram mais chegado na família, que era lá embaixo da região de Barra Velha e os outros também ficaram pra não acabar com o rodeio pela metade. Senão teria ido tudo bem, era uma festa maravilhosa. Pena aquela tragédia que aconteceu, e foi uns par de anos, acho que fomos uns 15 anos, quase todo fim de semana nós íamos nos CTG's. No estado de Santa Catarina nós passamos quase todo, desde Campo Belo do Sul, Lages até pra lá de Florianópolis, em Palhoça, Joinville, Brusque essa região toda nós passamos nos rodeios. Depois a gente parou de ir e logo se acabou também, os outros também pararam. Hoje tem poucos que estão indo, porque o custo é muito caro desse esporte.

G.D. – Quais provas e atividades eram praticadas nos CTG's?

A.D. – Ah, a gente ganhava troféu. Além do laço se fazia outras provas, a prova de rédea, aquela de correr, a dança da cadeira. Essa botava no cavalo, ia rodeando, tinha que pular do cavalo e sentar na roda da cadeira e sempre uma cadeira a menos, quem ficava de pé ficava de fora. E era divertido né, ganhava troféu.

G.D. – E vocês tiveram algum cavalo de destaque nessas competições?

A.D. – Aqui passou vários cavalos, como a égua Baia, teve a Appaloosa¹⁹ que era do Dr. Flávio, teve o Saino²⁰. O Saino eu comprei ele em dólar aquela vez, eu sai daqui fui pra Joinville e lá eu fui com o meu irmão Osmar, subimos pra serra de Campo Alegre ficamos um dia pra lá procurando onde tinha cavalos pra laço e lá comprei um e fomos experimentar numa cancha lá. Comprei ele em dólar aquela vez, tive que pagar. Levamos com o caminhão do Osmar no sítio dele, daí quando nós estávamos descendo liguei pra casa pra eles virem no Osmar com nosso caminhão para ir lá pegar. Acho que estava escurecendo quando chegaram lá, tinha o Claudemir [filho] e o Mámo²¹, acho que era o Dani [Daniel Moser]. Quando chegaram lá ficaram bobos com o cavalo, mostrava que tinha raça. E foi criado também uns potrancos. Tinha uma potranca²² que o Osmar tinha aqui em casa, que foi domada e o meu filho Dionei montava, era uns “animal” de primeira. Na época era um esporte divertido e animado né.

¹⁹ Raça de cavalo que tem as ancas brancas com pintas pretas, como um dálmata.

²⁰ Os nomes sempre tinham a ver com a cor da pelagem, saino é uma variação da cor zaino, que é quando o cavalo possui uma coloração castanha ou marrom avermelhada (como um pinhão).

²¹ Os irmãos Mámo, são dois irmãos gêmeos, Daniel e Paulo Moser.

²² A potranca se chamava Cássia, era escovada todos os dias pelo filho Dionei.